

**DISCURSO, AÇÕES E TERRITORIALIDADE DO GRUPO CULTURAL
AFROREGGAE**

**Guilherme do Nascimento Rodrigues – Universidade Federal do Rio de
Janeiro**

guirodriguesn@gmail.com

RESUMO

Este trabalho visa discutir o discurso do Grupo Cultural AfroReggae através de entrevistas com membros do grupo, das letras da banda AfroReggae e de filmes e livros produzidos pelo grupo. Além disso, o trabalho discutirá a ação do grupo em Vigário Geral e como se dão suas práticas de territorialidade, entendendo que esta territorialidade está posta tanto em ações físicas quanto no discurso já que este é capaz de revelar de que forma um grupo organiza e representa seu território.

INTRODUÇÃO

O Grupo Cultural AfroReggae (GCAR) surge em janeiro de 1993 como um jornal que vinculava notícias sobre a cultura afro e o reggae. Este jornal surge no centro da cidade do Rio de Janeiro, de uma iniciativa de um grupo de amigos que organizavam festa com temática da cultura afro e sentiam a necessidade de ter um veículo de informação que divulgasse esta cultura. Com o desenvolvimento do jornal o grupo cria relações com outras ONGs e alguns políticos com intenção de viabilizar economicamente a produção do jornal.

No contato com estas ONGs, como por exemplo o Centro de Articulação de Populações Marginalizadas que ajudou o grupo fornecendo o espaço de trabalho, foi possível uma organização institucional. O contato com a ONGs ajudou o AfroReggae a entender sobre o funcionamento de uma organização não-governamental e sobretudo fez com que o grupo se ligasse a questões sociais, levantando debates sobre essas questões e começando a pensar o que poderiam fazer objetivamente.

Em agosto de 1993 aconteceu a chacina de Vigário Geral, onde 21 moradores daquela favela foram assassinados sem nenhum motivo especial, pois nenhuma das vítimas desta chacina tinham ligação com tráfico de drogas.

Após este acontecimento diversas ações começaram a ser realizadas em Vigário Geral, existiu uma mobilização tanto da sociedade civil através das ONGs, quanto do governo. Foi neste momento que o GCAR começa a frequentar Vigário Geral.

O GCAR começou a oferecer oficinas de percussão e de futebol na favela, tudo com um grande grau de improvisação e com a ajuda de outros grupos como o Tafaraogi, grupo de Padre Miguel, que emprestava os instrumentos para as oficinas e a Casa da Paz que cedia espaço para ensaios. É das oficinas de percussão que vai surgir a Banda AfroReggae e a Banda AfroReggae 2 (hoje Makala).

Com o tempo o grupo começa a ganhar independência dentro da comunidade, comprando uma casa onde seria a sede do grupo, desenvolvendo oficinas de maneira mais organizada e obtendo seus primeiros contatos com artistas famosos como Wally Salomão, Caetano Veloso e Regina Casé.

Hoje o GCAR é uma das principais ONGs do país e tem presença marcante em Vigário Geral através do Centro Cultural Wally Salomão e do trabalho desenvolvido a anos naquela comunidade.

É interessante perceber que o território de Vigário Geral é muito bem delimitado por barreiras físicas que são de um lado o mangue localizado na fronteira da favela com o município de Duque de Caxias, do outro lado a linha de trem (na fronteira da favela com o bairro de Vigário Geral) e fechando essa delimitação tem-se a favela de Parada de Lucas, comandada durante muito tempo por facção inimiga da que comanda Vigário. Além disso, é um território marcado pela presença de diversos atores, sendo os principais o tráfico de drogas (representado por duas facções), o Estado e as ONGs.

Cabe aqui discutir como o ganhou tanta importância dentro de um território repleto de conflitos, tendo como objetivo principal a análise de como esta ONG lida com estes outros atores, cria uma identidade e marca sua presença neste território

Para isto analisaremos o discurso do Grupo Cultural AfroReggae, através de entrevistas com membros do grupo, das letras da banda AfroReggae e de filmes e livros produzidos pelo grupo e também de uma visita aos projetos do grupo em Vigário Geral.

AÇÕES E DISCURSO DO GRUPO CULTURAL AFRO REGGAE

Discurso é toda atividade comunicativa entre interlocutores, atividade produtora de sentidos que se dá na interação entre falantes. Estes discursos carregam crenças, valores sociais e culturais e estes valores são veiculados no discurso, mesmo que de forma implícita. Ou seja, não existe discurso neutro, todo discurso produz sentidos que expressam as posições sociais, culturais, ideológicas dos sujeitos da linguagem (BRANDÃO, 2009)

Entendendo discurso desta forma, cabe agora analisar quais são os valores contidos no discurso do Grupo Cultural AfroReggae e como eles demonstram a relação do grupo com seu território.

Um dos traços mais marcantes no discurso do GCAR é o orgulho negro. Este traço está presente em quase todas manifestações do grupo. A prova mais emblemática desse orgulho é a logomarca do grupo



Como podem reparar acima esta logo trata-se do mapa do Brasil em preto, com a imagem de um negro dentro e ainda o nome da instituição com as cores do movimento rastafari, surgido na Jamaica entre as classes trabalhadoras e camponeses afro-descendentes.

Outro sinal deste orgulho está nos nomes dos sub-grupos do Grupo Cultural Afro Reggae, sendo muitos deles nomes africanos como, por exemplo, Makala e Akoní, além do prêmio Orilaxé, que foi criado pelo grupo em 2000 e é distribuído todos os anos para pessoas e instituições que “contribuíram para a valorização e a divulgação da cultura afro-brasileira, a diminuição da injustiça social e para o pleno exercício da cidadania.” (www.afroreggae.org – consultado em abril de 2011)

Este orgulho negro está muito presente no discurso do grupo de diversas formas, seja no filme Favela Rising, produzido junto ao grupo, nas entrevistas de seus membros em programas de TV, no livro “Da favela pra o mundo”, escrito por José Junior (coordenador do grupo) ou nas letras da Banda AfroReggae.

No filme, Anderson Sá, vocalista da banda AfroReggae comenta da necessidade dos jovens das favelas terem boas referências, terem ídolos negros. Já em relação às letras podemos ver letras onde este orgulho se manifesta como em “Hunidade”:

*venerado, ovacionado, destemido
combatia, lutava e se enegrecia,
sua negritude foi descoberta
ao decidir realmente o que queria
mudar, lutar, revolucionar
tudo aquilo que Marley pregava e fazia
(Letra – Hunidade – banda AfroReggae)*

Citações sobre etnia negra estão presentes diretamente em 5 músicas dos dois cds da banda que totalizam 23 músicas e além dessas citações diretas mais três músicas fazem referência a cultura afro.

Nem sempre o que está presente é realmente um orgulho, existe também muita crítica ao preconceito contra os negros no discurso do AfroReggae e contra as injustiças sofridas por eles. Nesse sentido em entrevista ao Programa do Jô em 2006, José Junior comenta sobre os vendedores de droga que se matam em seus conflitos e em sua maioria são negros matando negros. O que chamo atenção é que esta referência sempre aparece no discurso do grupo.

Este orgulho negro é de se esperar pelo próprio histórico do grupo e pelo nome do grupo. Mas o que chama atenção é que este aparece quase exaustivamente e como ele renega outras identidades da favela, como por exemplo, a identidade do nordestino, que não é citado em nenhuma letra de música, no filme ou nas entrevistas, aparecendo somente brevemente no livro do José Junior.

Esta identidade focada somente no negro, vai em oposição ao sujeito pós-moderno comentado por Hall (2005), onde o autor percebe e comenta sobre a identidade contemporânea que está cada vez mais fragmentada.

Outro ponto muito presente no discurso do GCAR é o orgulho de Vigário Geral. Este orgulho está mais presente nas letras da banda e vem acompanhada da idéia de mudança de imagem da comunidade, uma mudança provocada por vezes pela ação do grupo.

A letra que mais retrata esse orgulho junto da mudança provocada pelo grupo é a de “Capa de Revista”:

*Capa de revista
folha de jornal
o terror do Rio
Vigário Geral*

*a explosão do Rio
chegou pra ficar
essa é a nova cara
tudo vai mudar*

*Capa de revista
folha de jornal
somos Afro Reggae de Vigário Geral
(Letra – Capa de Revista – Banda AfroReggae)*

Aqui estão somente três estrofes da letra, mas elas demonstram o fato de Vigário Geral ser antigamente visto como terror do Rio e agora Vigário Geral ser reconhecido como local de origem do Afro Reggae.

É curioso notar que as referências a Vigário Geral só estão presentes no primeiro cd da Banda AfroReggae, tendo sua marca registrada em oito das treze músicas do cd. Essa mudança pode ter relação com a abertura do projeto para

outras comunidades, já que o primeiro cd começa ser feito em 1998 na turnê a Europa, quando o GCAR tinha núcleos apenas em Vigário Geral e no Morro do Cantagalo.

O filme “Favela Rising” também mostra esta mudança. Ele começa com relato do Anderson Sá, vocalista da Banda AfroReggae, dizendo que Vigário Geral era conhecido como a Bósnia Brasileira, isso devido aos conflitos que lá aconteciam. E o filme termina fazendo uma analogia entre a situação da favela e a paralisia temporária que o Anderson sofreu depois de um acidente. O discurso do final do filme diz que as favelas ficaram paradas durante muito tempo, sem ter como se mexer como se fosse apenas medula óssea, mas que hoje a mobilidade já começa acontecer, as mobilizações nas comunidades começaram a acontecer de forma positiva, a levantar a mão e desenvolver um bom trabalho.

Em entrevista ao programa Roda Viva da TV Cultura, José Junior também comenta essa mudança de Vigário Geral, que segundo ele durante a década de 1990 era o que o Complexo do Alemão foi recentemente, até sua pacificação, ou seja, considerado o local mais violento do Rio de Janeiro. Mas hoje apesar do tráfico ainda existir em Vigário, está bem diferente do que era antes, até porque o tráfico não paga tão bem quanto antes.

Por fim é preciso comentar sobre as ações, celebrações e memorializações do Grupo Cultural Afro Reggae no território de Vigário Geral.

É preciso mostrar em primeiro lugar como são recebidos os visitantes da comunidade quando esta visita é combinada junto ao grupo. Estive presença em uma dessas visitas e nela pude perceber como o grupo é presente em Vigário Geral.

A chegada à favela de Vigário Geral se dá através de uma passarela que passa sobre a linha do trem que separa a favela do bairro de Vigário, ressaltando aqui que a favela e o bairro de Vigário Geral são coisas distintas.

Ao descer dessa passarela estamos numa espécie de praça ou largo e já ali o visitante é recebido por apresentações dos sub-grupos do GCAR. A foto abaixo ilustra como isto acontece:



Considero esta prática como importante para marcar a presença do grupo na comunidade e para chamar atenção dos jovens para uma possível entrada no grupo.

Já em 1993, no início das atividades do grupo em Vigário Geral, um evento musical, o *Vigário in concert geral* é realizado e considerado por José Junior como marco para o grupo: “Este evento foi um marco na história do Grupo Cultural Afro Reggae, pois estávamos ficando nossa bandeira, agora oficialmente, naquela comunidade”. (JUNIOR, 2004, p.59)

Isto demonstra como esses ritos de celebrações são importantes para o grupo desde o início de sua história em Vigário Geral.

As apresentações durante minha visita continuaram na Associação de Moradores, que na época estava servindo de espaço para ensaio das atividades do grupo, enquanto o Centro Cultural Waly Salomão (CCWS) estava sendo construído.

Depois disso algumas apresentações foram feitas nas ruas e vielas que estavam no caminho do Centro Cultural em construção.

É importante notar na foto como o grupo se faz presente logo na porta de entrada da comunidade, tanto com suas apresentações quanto com sua logomarca pintada na Associação de Moradores.

O próprio Centro Cultural Waly Salomão é um grande marco na comunidade, sendo certamente uma de suas maiores construções e chamando muita atenção de todos moradores e visitantes.

Espaços como o CCWS podem ser vistos como geossímbolos. Um geossímbolo pode ser definido como um lugar, um itinerário, uma extensão que, por razões religiosas, políticas ou culturais, aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade. (BONNEMAISON, 2002)

Essa criação de símbolos ou santuários é vista muitas vezes como fundamentais para sobrevivência e êxito de um movimento de libertação nacional, por exemplo

Claro que o caso de Vigário Geral não chega a extremidade de um movimento de libertação nacional, mas é importante observar o apelo que estes espaços simbólicos podem ter.

Levando em consideração isto, julgo importante ilustrar a magnitude do CCWS e como ele consegue convergir um número grande de pessoas em casos de eventos, como o mostrado na foto abaixo:



Um fato curioso que pode ser observado na foto acima é como esta construção reúne elementos de variadas culturas, assim como o próprio grupo. Na construção podemos observar as cores do movimento rastafari, movimento já explicado anteriormente, e também uma mão fechada no topo da construção que remete o movimento “Panteras Negras”, um movimento norte-americano da década de 1960 que buscava defender os direitos negros.

O grupo consegue reunir essas referências múltiplas e construir uma identidade única que é a do negro. Dessa forma o grupo estabelece o traço mais forte de seu discurso identitário.

RELAÇÕES DO GCAR COM OUTROS ATORES

Após analisar as ações do GCAR mais voltadas para a construção de identidade e restritas ao território de Vigário Geral, cabe agora investigar a relação do grupo com outros atores, de forma que possamos entender mais de seu discurso e ação.

Selecionei aqui quatro grupos de atores para explicar as relações do GCAR, são eles: a Polícia, o Tráfico, o Governo e as Empresas Privadas. Como já explicado anteriormente, essas relações não se restringem a Vigário Geral, mas como explica Araújo, GCAR e Vigário estão ligados quase indissociavelmente:

O grupo atua em outras comunidades, mas Vigário Geral foi sua base, o território onde criou uma identidade, uma expressão artística e estética própria e desenvolveu uma proposta de ação social. O AfroReggae e Vigário Geral estão profundamente articulados e são identificados um com o outro, não apenas pela mídia em geral, mas também pelos moradores da favela, pelo mundo artístico e pela vasta rede de ONGs que atua em comunidades populares. (ARAÚJO, 2008)

Por isso é fundamental estudar as relações do grupo em geral para entender como o grupo se articula e cria uma ideologia que será refletida em Vigário Geral, como consequência. É preciso então agora estudar cada uma destas relações individualmente

a) o GCAR e o Governo.

O discurso do Afro Reggae é carregado de diversas críticas ao governo, mas de uma forma genérica, as vezes criticando o que se chama de sistema e não direcionando sua crítica a uma esfera governamental. Acho importante deixar isto claro, o termo Governo aqui utilizado se refere as diversas esferas governamentais.

A crítica está presente no filme, nas músicas e nas entrevistas. Uma das primeiras falas do filme “Favela Rising” é a do Anderson Sá criticando o descaso durante décadas do governo com as favelas.

Em diversas entrevistas José Junior critica o governo, mas também de forma genérica, reclama da falta de escolas e da corrupção como em sua entrevista

ao Programa Roda Viva, onde ele fala que se tivéssemos apenas corrupção policial o problema não seria tão grande e critica a questão da corrupção generalizada, a falta de controle das fronteiras que permite a entrada de drogas e armas.

Norton Guimarães, coordenador do programa de empregabilidade do GCAR também tece diversas críticas ao governo, dizendo que a única Secretaria que se vê presente nas favelas é a Secretaria de Segurança. E reforça a necessidade de serviços como educação e saúde estarem presentes na favela.

Já nas músicas as críticas são um pouco menores e mais indiretas, se critica um sistema sem defini-lo. A crítica mais direta está presente em Haiti, como pode ser visto abaixo:

*E na TV se você vir um deputado em pânico mal dissimulado
Diante de qualquer, mas qualquer mesmo, qualquer, qualquer
Plano de educação que pareça fácil
Que pareça fácil e rápido
E vá representar uma ameaça de democratização
(Letra – Haiti – Banda AfroReggae)*

Por outro lado não é só de críticas que é feita a relação do AfroReggae com o Governo. Em seu livro, José Junior comenta diversas vezes de sua relação com Ana Maria Maia, que foi assessora especial de eventos da Prefeitura do Rio de Janeiro, durante o mandato de seu irmão César Maia. Junior conta que ela foi uma das maiores apoiadoras para o projeto do Conexões Urbanas, projeto que consiste em levar grande shows para as comunidades carentes no Rio de Janeiro. Além desse apoio, ela foi premiada com Prêmio Orilaxé de 2005, como personalidade da área de Políticas Públicas, premiação organizada pelo GCAR. Nesse mesmo sentido, Junior faz agradecimentos para César Maia e comenta de sua boa relação com o ex-prefeito Luiz Paulo Conde.

Atualmente o grupo tem fortes ligações com o governador do Estado do Rio de Janeiro, Sergio Cabral Filho, que foi inclusive chamado para ser padrinho da Orquestra de Cordas AfroReggae em batizado realizado no Palácio da Guanabara, sede do governo estadual. Além disso, o governador é elogiado por Junior no programa do Jô em 2008 e no Programa Roda Viva em 2010.

O Governo Estadual, através da Faetec se faz presente no Centro Cultural Waly Salomão, onde equipou a sala, chamada “Espaço Faetec Digital” com 17 computadores e rede wi-fi.

b) o GCAR e a Polícia.

A história do GCAR com a polícia tem dois momentos. Os primeiros contatos do grupo com a polícia são conflituosos. No dia 9 de agosto de 2002, um dos membros do AfroReggae toma um tiro no pé de um policial militar, tratava-se do membro conhecido como Paulo Negueba, percussionista da banda AfroReggae e da banda “O Rappa”.

O fato ocorreu quando Negueba foi a Vigário buscar LG (vocalista da banda AfroReggae) e Cleber (baterista) para um show da banda em Queimados, quando estava chegando a polícia efetuou disparos sem avisar, ao menos é o que é relatado no livro “Da favela para o mundo” que conta a história do GCAR.

Este fato é contado no livro, em entrevistas e no filme. E depois desse acontecimento o grupo nutre um sentimento de revolta muito grande e elabora um vídeo contendo cenas de artilharias policiais, porém este vídeo não é divulgado, apesar de algumas dessas cenas estarem contida no filme “Favela Rising”. O vídeo não foi divulgado por orientações jurídicas, mas o fato de não haver esta divulgação é considerado positivo, pois evitou que o conflito do grupo com a polícia aumentasse.

Nas letras da Banda AfroReggae a crítica a polícia está presente em grande quantidade, porém mais ligada a chacina ocorrida em 1993, como pode ser observado na letra de “Eu to bolado”:

*me disseram que a polícia
é um órgão existente a proteger o cidadão
mas o que já foi relatado é o contrário
a proteção aqui não houve
houve sim a covardia
(Letra – Eu to bolado – Banda AfroReggae)*

Somado as críticas semelhantes a essa contidas nas letras da banda existe também críticas de José Junior em relação a algumas operações policiais que Vigário sofreu logo após a chacina. Operações que visavam manter a ordem, mas

que amedrontava a população e se observava por vezes o mal preparo dos policiais para lidar com os moradores.

O segundo momento de relações do GCAR com a polícia se inicia em 2004 quando o grupo começa a desenvolver o projeto Juventude e Polícia junto à Polícia Militar do Estado de Minas Gerais. No início o grupo teve resistência interna (dentro do próprio grupo) e também dos policiais. Mas com andamento do projeto, os policiais foram se adaptando, assim como o grupo também perdeu seu receio. Hoje os policiais “treinados” pelo Afro Reggae, dão oficinas de percussão e grafite nas comunidades carentes de Minas e também fazer apresentações nessas comunidades e em escolas.

Este projeto rendeu elogios do coordenador do Afro Reggae ao governador Aécio Neves, mais uma vez demonstrando a relação do grupo com determinadas personalidades governamentais.

Além desta interação entre a polícia e o GCAR em Minas a visão do grupo sobre a polícia também se modificou. Em entrevista a jornalista Sonia Racy do Estadão, José Junior diz que apesar de alguns índices de violência terem subido, a polícia hoje sabe sua função.

Elogios a Polícia Militar do Rio de Janeiro também ocorreram após a morte do coordenador social do GCAR, Evandro João da Silva. Existiu uma crítica aos policiais envolvidos no caso, que deixaram de socorrer o coordenador, mas um elogio as investigações da polícia que logo identificou os policiais envolvidos e iniciou o processo de punição. Esta declaração de elogio a Secretaria de Segurança Pública e a Polícia Militar foi feita ao jornal “O Extra” em 2009.

Outro momento de elogio a Polícia Militar do Rio de Janeiro deu-se no programa “Roda Viva”, onde Junior elogia a operação de pacificação do Complexo do Alemão, que ele considera ter sido um sucesso por não ter tido nenhum derramamento de sangue como se esperava. Porém ele faz uma ressalva de que alguns excessos estavam sendo feitos pela polícia após o “domínio” do morro.

c) O GCAR e o Tráfico

A relação do GCAR com tráfico talvez seja a mais complexa. As letras das músicas da Banda AfroReggae fazem críticas ao tráfico, mas estas estão mais

voltadas aos conflitos entre facções e entre elas e os policiais que acaba por matar muitas pessoas, um exemplo dessa crítica está na letra de “Som de VG”:

*tiroteio pra tudo quanto é lado entre policiais
e traficantes e quem era o mais atingido?*

(Letra – som de VG – Banda AfroReggae)

Porém o grupo sempre entende os ditos traficantes que comercializam as drogas nas favelas como apenas a ponta do que é tráfico de drogas, formando uma categoria composta por jovens que não tiveram grandes oportunidades. José Junior até cita que eles são vendedores de drogas e não traficantes, que o traficante mesmo nunca pisou na favela e isso é reproduzido em diversas entrevistas.

O grupo diz em diversas entrevistas que não existe conflito entre o trabalho do grupo e o tráfico, porém um conflito é contado no livro e no filme. Este conflito ocorreu na invasão de Vigário Geral realizada por traficantes de Parada de Lucas. Nesta invasão Anderson Sá tentou intervir para que inocentes não ficassem na rua e fossem vitimados, só que se espalhou um boato de que ele estava armado com fuzil, havia seqüestrado alguns moradores de Parada de Lucas e estuprado uma menina. Este boato se espalhou e traficantes foram tirar satisfação com ele, porém no final tudo foi explicado e não houve prejuízo a nenhum membro do Afro Reggae.

Também é relatado no “Programa Roda Viva” que José Junior recebeu uma carta anônima de traficantes do Complexo do Alemão que o ameaçavam, isto pouco antes de atentados feitos por estes traficantes na cidade do Rio de Janeiro, porém a favela foi dominada pelos policiais e Forças Armadas, inclusive tendo o coordenador do Afro Reggae como um mediador dos conflitos.

Uma contraditoriedade que é mostrada no filme e explica um pouco da complexidade dessa relação entre o AfroReggae e o tráfico é quando Anderson Sá fala sobre os agradecimentos de um traficante à ele, pelo trabalho que o GCAR fazia que deu oportunidade para uma criança da família dele.

O objetivo do Afro Reggae é totalmente de oposição ao tráfico, pois visa tirar crianças e jovens da criminalidade. E é curioso observar que não existe represália do tráfico em relação a isso, inclusive sendo mostrados fatos como este e sabendo que diversos componentes do grupo são pessoas que já participaram do tráfico de drogas.

d) Empresas Privadas

A relação do AfroReggae com as empresas privadas é bastante forte. O grupo sempre cita suas parceiras em suas entrevistas e trabalhos, isto faz com que estas empresas se interessem ainda mais em apoiar o grupo. E este reconhecimento do apoio das empresas é feita desde o início da carreira do grupo que comenta até hoje sobre uma gráfica de Vigário Geral que apoiou o grupo no início de sua história.

Na entrevista ao “Programa Roda Viva” é contado que estas empresas ajudam o grupo não apenas patrocinam o grupo, mas ajudam também a fomentar empregos dentro das favelas, como por exemplo, a implantação da agência do Banco Santander no Complexo do Alemão.

Outra tática no sentido de chamar investidores é sempre fazer a propaganda dos projetos do grupo. Em todas entrevistas são listados os inúmeros projetos que o grupo possui e também seus sub-grupos artísticos.

José Junior comenta que esta mídia acaba fazendo do GCAR ser objeto de desejo em qualquer comunidade do país e torna o grupo referencia para as diversas classes sociais. Nesse sentido ele diz que não é só a classe pobre que se interessa pelo trabalho do grupo e fala sobre a parceria que tem com jovens empreendedores da FIESP (Federação de Indústrias do Estado de São Paulo).

Araújo exemplifica muito bem como o grupo percebe esse papel fundamental da mídia:

O grupo sempre teve a percepção muito aguda da relevância e do significado da mídia. Sempre teve em mente a importância não apenas de se fazer presente na mídia, mas, sobretudo de utilizar a mídia para difusão de seus projetos e de sua proposta (ARAÚJO, 2008, p.142)

Em entrevista ao Blog Originals, José Junior fala que um dos carros chefes do grupo hoje é a comunicação, comenta do programa de rádio que o GCAR tem que é chamado Conexões Urbanas e é transmitido por rádios do Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Além disso, um programa de mesmo nome é transmitido pelo canal Multishow. Isso ilustra ainda mais a preocupação do grupo com a questão midiática.

Podemos perceber que as boas relações do grupo, o poder de saber ser articular e entender certos pontos fundamentais como evitar certos conflitos e usar a mídia e personalidades famosas ao seu favor, fizeram o grupo prosperar, ainda que algumas dessas relações pareçam nebulosas como a ligação com alguns governantes. Mas o fato é que através dessas relações o grupo ganhou a visibilidade que tem hoje. O Grupo Cultural Afro Reggae é capaz hoje de levar reivindicações da comunidade para o poder público e para mídia, por exemplo.

Acredito que o GCAR ao fortalecer ideologias como o orgulho negro, o orgulho de Vigário Geral e também de exaltar o potencial artístico de seus moradores realiza papel fundamental no empoderamento da população de Vigário Geral.

Referências Bibliográficas:

ARAUJO, Maria Paula Nascimento. História e memória de Vigário Geral. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008

AZARYAHU, M. The power of commemorative street names. Environment and Planning D. Society and Space, nº 13, 1995

BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. In: Corrêa, R. L., ROSENDHAL, Z. (org). Geografia Cultural: Um século. Rio de Janeiro: Eduerj, 2000-2002.

BOSSÉ, Mathias L. As Questões de identidade na Geografia Cultural – Algumas concepções contemporâneas. In: Corrêa, R. L., ROSENDHAL, Z. (org). Paisagens, Textos e Identidade. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004.

BRANDÃO, Helena H. N. Analisando o discurso. São Paulo: Museu da língua portuguesa, 2009.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

JUNIOR, José. Da favela para o mundo: A história do Grupo Cultural Afro Reggae. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

RIBEIRO, Rafael Winter. Seca e Determinismo: a Gênese do Discurso do Semi-árido Nordeste. In: Anuário do Instituto de Geociências, UFRJ. Rio de Janeiro. 1999.